

## “PERTENCER PARA EDUCAR”: A SINGULARIDADE DO ENSINO DE LIBRAS MEDIADO POR DOCENTES SURDOS

Beatriz Moreira Severino <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo possui o objetivo de abordar o papel do professor surdo como responsável pelo ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em sala de aula, para alunos ouvintes. Através do ponto de vista de uma monitora com formação em andamento em Psicologia, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), são retratados os fatores positivos e desafiadores do método, relacionando-os a aspectos teóricos da aprendizagem. Para isso, foi utilizado referencial teórico de autores como: Góes, Vygotsky e Skliar. Os resultados obtidos indicam a importância de um docente surdo ocupando o cargo de professor de Libras, em um contexto de inclusão e pertencimento.

**Palavras-chave:** Libras, Educação, Professor, Surdez.

### INTRODUÇÃO

O termo “Surdo” refere-se ao sujeito que não vê a si mesmo como sendo marcado por uma perda, mas como membro de uma minoria linguística e cultural com normas, atitudes e valores distintos, e uma constituição física distinta dos ouvintes (Lane, 2008). A construção do artigo tem por base ressaltar a importância de um professor surdo no ensino da disciplina de língua de sinais. O acompanhamento realizado na monitoria, possibilitou o contato com o professor surdo e com os alunos, auxiliando a comunicação entre eles.

Góes (1999) conceitua a língua de sinais como a língua materna dos surdos, aquela pela qual outras estruturas se constroem, e afirma que o que pode prejudicar o desenvolvimento do surdo é a qualidade das suas experiências, e as possibilidades para consolidação da linguagem. Socialmente, parte-se do pressuposto de que a comunicação deva acontecer por via oral, portanto, a surdez costumava encaixar-se em uma categoria de deficiência, porém, a medicina e a psicologia possibilitaram um entendimento diferenciado do

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, biamoreirah@gmail.com;

que é a surdez, levando-se em conta o conceito de normalidade. Como afirmou Davis (1995, p. 23 apud Bisol e Sperb, 2010)

Nós medimos a inteligência, o colesterol, o peso, a altura, o desejo sexual, as dimensões do corpo através de uma linha conceitual que vai do subnormal ao acima da média... Provavelmente, não há área da vida contemporânea em que alguma ideia de norma, média ou padrão não tenha sido calculada.

A língua de sinais, após diversas mudanças neste âmbito social, atualmente ocupa um espaço que a constitui como representação de um grupo social minoritário, não mais composto por sujeitos deficientes, mas diferentes (SKLIAR, 2005).

A inclusão é o respeito às diferenças e limites de cada indivíduo, e isso se dá através de um processo. Segundo Werneck (2000), o ato de normalizar uma pessoa não significa torná-la normal, mas dar a ela o direito de ser diferente e ter suas necessidades reconhecidas e atendidas pela sociedade. A partir disso, como um reflexo da inclusão, torna-se possível o ensino de Libras mediado por um docente surdo.

De acordo com Tabile e Jacometo (2017), o professor deve proporcionar situações de aprendizagem onde o aluno participe de maneira ativa no processo. A princípio, os alunos ouvintes que cursam a disciplina de Libras, encontram-se em papel passivo, dependentes do auxílio de monitores e intérprete, mas após o estudo do alfabeto em língua brasileira de sinais, esses profissionais “saem de cena”, de forma a estimular um papel ativo dos alunos em contato com o professor. Pilleti & Rossato (2011), afirmam que o processo de ensinar é provocar um desequilíbrio da mente do estudante, para que ele possa buscar o reequilíbrio, reconstruindo novos esquemas. Tal processo de adaptação foi desencadeado nas aulas, especialmente quando o intérprete não encontrava-se presente. O monitor possui a função de facilitar este processo de alcance ao professor, com o objetivo de que seu auxílio torne-se dispensável, posteriormente.

Vygotsky (1988) ressalta que o ensino que objetiva a transmissão direta de conceitos, é ineficiente, pois não rende bons resultados, devido ao fato de não haver uma internalização do conteúdo. É possível constatar isso em sala de aula, onde os sinais estudados são memorizados, e esquecidos, caso não haja treino constante. O papel principal do monitor

reflete-se no auxílio fornecido aos alunos, para a memorização de sinais, mantendo-se como observador e incentivador da comunicação entre o aluno e o professor surdo.

Segundo Oliveira (1993), a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo, e faz uso do termo “obuchenie” que origina do russo e significa algo como ensino-aprendizagem, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre ambos. Constantemente, em sala de aula, o profissional ou o monitor acadêmico estimulava que o aluno direcionasse sua dúvida diretamente ao professor, em Libras, através da datilologia, ou de maneira oralizada. Diante da terceira opção, a dúvida do aluno era traduzida pelo intérprete, ou o professor fazia uso de seus conhecimentos em leitura labial, sempre respondendo à questão trazida em sala de aula, demonstrando que a comunicação surdo-ouvinte é possível.

O professor, em seu papel de mediador, deve se interpor entre o aluno e o conhecimento, desenvolvendo estratégias de ensino que permitam produzir transformações psicológicas e a apropriação de conhecimentos por parte do aluno (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1988). Diversas técnicas lúdicas foram utilizadas em sala de aula para facilitar a confiança do aluno, permitindo-o expressar-se através de uma língua que o mesmo não possui domínio. Tais recursos facilitadores foram pensados e organizados pelo professor, e facilitados pelos monitores.

## **METODOLOGIA**

Este estudo é de caráter exploratório e utiliza-se de método qualitativo. A pesquisa exploratória é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O produto final deste processo é um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos sistematizados (GIL, 1991). Já o método qualitativo segundo Bortoni (2008), visa buscar a compreensão e interpretação ampla de fenômenos sociais que estão contidos em um determinado contexto, como temos um exemplo a sala de aula.

Segundo Bastos (1999), a monitoria “baseia-se no ensino dos alunos por eles mesmos”. Por reduzir em um terço, ou mais, o tempo gasto para o aprendizado, tem sido considerada uma das mais úteis invenções pedagógicas da modernidade.

Com base neste conhecimento, a autora do artigo participou das aulas como monitora da disciplina, contabilizando aproximadamente setenta e duas horas, no período de fevereiro a junho de 2017, acompanhando e auxiliando o monitoramento da disciplina, estando em contato direto com o professor e alunos, intermediando a relação entre eles.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para Cardoso et al. (2007, p. 89), “o sentimento de pertencimento implica em olhar e reconhecer-se. Provoca ainda pensar em si mesmo como integrante de uma sociedade que atribui símbolos e valores éticos e morais, o que destaca características culturais.” A aceitação de uma língua implica sempre a aceitação de uma cultura, conforme lembra Behares (1987, apud DE PAULA, 2009), portanto, a aprendizagem de Libras não consiste apenas em assimilar uma nova língua, mas compreender e adentrar-se em uma cultura única, a cultura surda. A propriedade de fala presente em um indivíduo surdo, que leciona sobre sua própria cultura e forma singular de se comunicar, pode refletir diretamente na facilitação do aprendizado, e difundir-se como um reflexo de inclusão.

Numa sociedade onde a língua oral é imperativa, é imposto que todos se adequem a ela, excluindo qualquer outra forma de comunicação, por ser de caráter inferior. A Língua de sinais ainda é vista por alguns como uma alternativa para surdos que não conseguem desenvolver a língua oral. Devido a isso, em uma tentativa de integrar o surdo na cultura ouvinte, monopoliza-se a comunicação com a fala oralizada, instalando assim uma segregação, silenciando-o.

A Comunidade Surda experienciou, durante anos, a exclusão social, marcada por lutas, devido à dificuldade em ser aceita como uma minoria linguística que faz uso de língua própria. Skliar (1999) denomina como ouvintismo a prática de colonização da cultura ouvinte, foco do Congresso de Milão, de 1880, que proibiu a utilização da Língua de Sinais e decretou

a língua oral como única forma de interagir socialmente. Apesar disso, a comunidade realizou movimentos clandestinos, partindo contra a lei decretada.

Com o reconhecimento da Libras como língua oficial dos surdos pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), e com sua regulamentação por meio do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005), mudanças significativas aconteceram em relação às comunidades de surdos. Nos fins dos anos 1980 e início da década de 1990, a utilização da Libras nas salas de aula passou a ser praticada, possibilitando a evolução de pesquisas na área da surdez, e pôde-se observar que, para se ter uma real compreensão e apreensão da Libras, o próprio surdo deveria ministrar o conhecimento.

Torna-se importante diferenciar “língua” e “linguagem”. Para Goldfeld (1997), a linguagem abrange tudo que envolve significação, que tem valor semiótico, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação, estando sempre presente no sujeito, mesmo quando ele não está se comunicando com outras pessoas, constituindo-o, e definindo como este recorta e percebe o mundo e a si próprio.

As linguagens se realizam através de diferentes maneiras, e, assim como as línguas, podem ser, inclusive, de diferentes modalidades, influenciando na forma de olhar o mundo, experienciar a realidade, a existência e vivenciar relações. Como exemplo dessas modalidades há a vocal-auditiva ou gesto-visual, cuja oportunidade de conhecê-la é enriquecedora, alterando o olhar e maneira de pensar, ampliando o olhar sobre o que é realidade e o que é língua.

Levando-se em consideração o pensamento de Vygotsky (1998), que conceitua linguagem como algo essencialmente social, que se desenvolve nas interações e relações interpessoais, a preocupação central da sociedade em relação ao surdo está marcada pelo desenvolvimento da percepção auditiva e pelo treino intensivo da fala nos surdos, desconsiderando ou não valorizando a linguagem.

No que diz respeito à disciplina de Libras da Unifor, a equipe é formada por três professores, dentre eles, um surdo, e nove monitores. O professor surdo é determinante, não apenas por ser um nativo da língua de sinais, mas por ser uma referência da cultura surda para o profissional em formação. Conviver com ele tem se mostrado um diferencial na compreensão da cultura surda e da língua de sinais como um artefato cultural.

O mundo surdo, que tem sua existência baseada na visualidade do surdo, também se torna mais compreensível ao aprendiz da língua de sinais, mediante a convivência com o professor surdo.

O universo do surdo, para muitas pessoas, parece não existir e mesmo os que se importam, não o compreendem. Um universo tão próximo, composto de pessoas com que nos deparamos continuamente, e tão distante. Para entender a visão de mundo dessas pessoas, é preciso experimentação, convivência e aprendizado, requer entrega e disposição (QUETA, 2013, p.73) .

Um recurso primordial para o aprendizado de Libras é a expressão corporal-facial, frequentemente trabalhada em sala de aula durante o semestre, através de atividades práticas, como encenações e dinâmicas que favorecessem o desenvolvimento dessa habilidade pouco utilizada por ouvintes, mas essencial na comunicação em Libras.

Outro ponto trabalhado em sala de aula foi a leitura e estrutura gramatical da língua de sinais, que difere do português, como tantas outras línguas. Segundo Sacks (1998), as línguas de sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completas, mas possuem caráter diferente daquele das línguas escritas e faladas. Devido a isso, fez-se uso de slides, contendo frases em Libras, assim como diálogos trabalhados em sala de aula, para que os alunos pudessem compreender e assimilar essa forma de escrita diferenciada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto, pode-se perceber a complexidade da língua brasileira de sinais, ressaltando o fato de ser oriunda de uma cultura tão distinta, demandando um professor que esteja inserido nela. Esta inclusão possibilita uma maior imersão no contexto desta cultura, facilitando a compreensão e absorção da língua em questão, pelos educandos ouvintes.

Conclui-se que a prática da docência de Libras ministrada por um docente surdo é primordial para a difusão mais eficiente da língua, já que esse traz consigo experiências e vivências que complementam o assunto abordado e o torna mais pessoal, aproximando os alunos à cultura surda. Para que isso ocorra, é preciso adquirir um novo olhar sobre as práticas sócio-pedagógicas, possibilitando uma maior inclusão, e valorização, da singularidade de um educador surdo perante alunos ouvintes.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, J. B. **Gestão democrática**. Rio de Janeiro: SEPE, 1999

BISOL, C. E SPERB, T.M. **Discursos sobre a Surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de Sentido**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 26. n. 1, jan-mar 2010. p. 7-13

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 de abril, 2002.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de dezembro, 2005.

CARDOSO, D. et al. (2017). Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 11 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 83-98, dx.doi.org/10.17127/got/2017.11.004

DE PAULA, L. **Cultura escolar, cultura surda, e construção de identidades na escola**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.3, p.407-416, Set.-Dez. 2009.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção temas sociais).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

LACERDA, C. B. F. **O intérprete de Língua de Sinais no Contexto de uma Sala de aula de alunos Ouvintes**. In: LACERDA, C. B. F. de; GÓES, M. C. R. de (orgs). **Surdez: processos Educativos e Subjetividades**. São Paulo: Lovise, 2000. p. 11-22.

LEITE, E. **Os Papéis do Intérprete de Libras na Sala de Aula Inclusiva**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.



PILETTI N.; ROSSATO, S. M. **Psicologia da aprendizagem: da Teoria do condicionamento ao Construtivismo.** São Paulo: Contexto; 2011.

OLIVEIRA. M. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo, Scipione, 1993

QUETA, M. L. dos S. **A linguagem corporal no universo da surdez.** Rev. Cereus, v. 5, n. 3, p. 71-85, set-dez./2013.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Skliar, C. (1999) **A localização política da educação bilíngue para surdos.** Em C. Skliar (Org.), *Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos.* Porto Alegre: Mediação.

SKLIAR, C. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade.** In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p.7-32.

TABILE, A.; JACOMETO, M.S. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso.** Rev. Psicopedagogia 2017; 34(103): 75-86.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 2 ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 103-117.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** 2 ed. Rio de Janeiro. 2000.